



CARLOS PINTO DE ABREU
E ASSOCIADOS
SOCIEDADE DE ADVOGADOS

Arte e Justiça

Quem é John Grisham?

A Arte e a Justiça estabelecem entre si uma relação indissociável. Desde cedo que os artistas procuraram inspiração na Justiça, retratando-a e criticando-a. Por outro lado, a Justiça sempre se projectou na Arte. Esta relação é particularmente visível na literatura, onde encontramos o *thriller* jurídico, um género de romance policial que tem como protagonistas os profissionais do Direito. E um dos grandes mestres do *thriller* jurídico moderno, um verdadeiro símbolo da relação entre a Arte e a Justiça é John Grisham.

Grisham nasceu no Arkansas, a 8 de Fevereiro de 1955, e a literatura nunca fez parte dos seus planos iniciais. Na verdade, o seu sonho era tornar-se jogador profissional de basebol. Todavia rapidamente percebeu que esse sonho de infância era irrealizável e acabou por ingressar na Universidade, andou “à deriva” durante vários anos, tendo frequentado diversos cursos sem os concluir, até encontrar o Curso de Direito. Licenciou-se e trabalhou como advogado num pequeno escritório em Southaven, durante 10 anos, especializando-se sobretudo no contencioso penal.

“I seriously doubt I would ever have written the first story had I not been a lawyer. I never dreamed of being a writer.”

- John Grisham

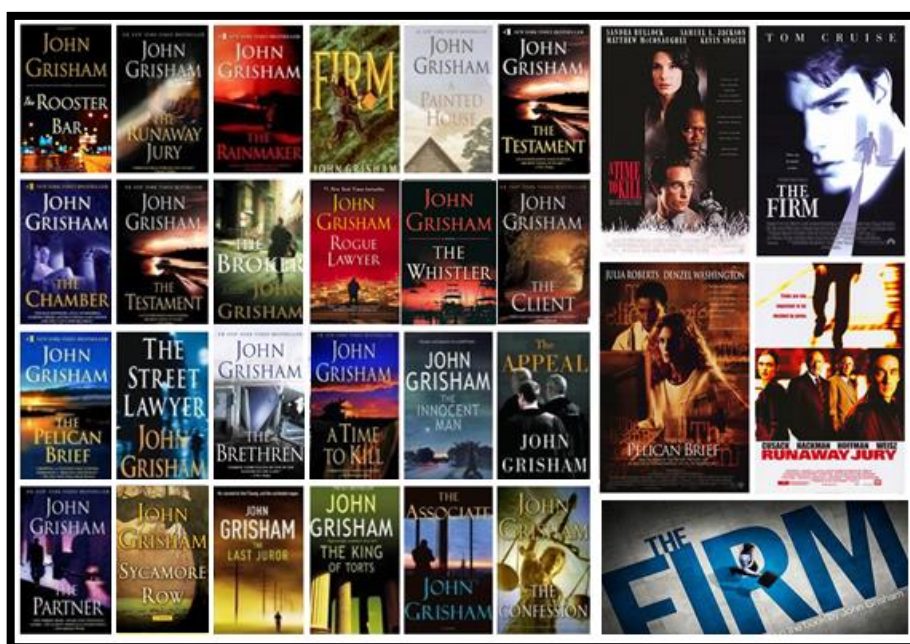


Foi precisamente o período em que exerceu advocacia que serviu e serve de inspiração à vastíssima obra literária de Grisham. A ideia para o seu primeiro livro surgiu durante um julgamento a que assistiu, ao ouvir o testemunho de uma criança de 12 anos vítima de abuso sexual por violação. Perguntou-se interiormente o que aconteceria se o pai da menina tivesse assassinado os seus atacantes. E, assim, tudo começou.

Grisham levantava-se todos os dias às 5h para conseguir escrever antes de ir trabalhar, aproveitava todos os momentos que tinha livres e após 3 anos de dedicação conseguiu concluir *“A Time to Kill”*. Inicialmente este seu primeiro escrito foi rejeitado por inúmeras editoras, até que finalmente encontrou a Wynwood Press, que publicou o livro em 1988. Gostaria de poder dizer que o seu sucesso foi imediato. Porém, o primeiro livro de John Grisham teve pouco ou nenhum impacto. Podia ter sido o fim. Foi o início.

Felizmente, tal primeiro insucesso não o impediu de continuar a escrever. Aliás, já estava a trabalhar no seu segundo livro, *“The Firm”* (“A Firma”), a história de um jovem e talentoso advogado aliciado a trabalhar num aparentemente perfeito escritório, que se revelou ser tudo menos perfeito, acabando por se ver confrontado entre Máfia e FBI.

Original e cativante, *“A Firma”* esteve na lista de *bestsellers* do *New York Times* durante mais de 40 semanas e tornou-se um dos maiores sucessos literários dos idos de 1991, transformando um mero *hobby* numa carreira a tempo inteiro. Além de lançar a carreira de Grisham como escritor, fez com que o seu êxito chegasse a Hollywood, tendo o livro sido adaptado para o cinema, num filme de 1993, com Tom Cruise no elenco.



A reputação de Grisham como génio do policial e do thriller jurídico confirmou-se nos anos que se seguiram e mantém-se bem viva nos dias de hoje, tendo publicado uma série extensa e quase ininterrupta de *bestsellers*: *“The Pelican Brief”* (1992), *“The Client”* (1993), *“The Chamber”* (1994), *“The Rainmaker”* (1995), *“The Runaway Jury”* (1996), *“The Partner”* (1997), *“The Street Lawyer”* (1998), *“The Testament”* (1999), *“The Brethren”* (2000), *“The Summons”* (2002), *“The King of Torts”* (2003), *“The Last Juror”* (2004), *“The Broker”* (2005), *“The Appeal”* (2008), *“The Associate”* (2009), *“The Confession”* (2010), *“The Litigators”* (2011), *“The Racketeer”* (2012), *“Sycamore Row”*

(2013), “*Gray Mountain*” (2014), “*Rogue Lawyer*” (2015), “*The Whistler*” (2016), “*The Rooster Bar*” (2017).

Uma lista impressionante, à média de um livro por ano, leva-nos a perguntar: como é possível que Grisham ainda consiga ter ideias novas?

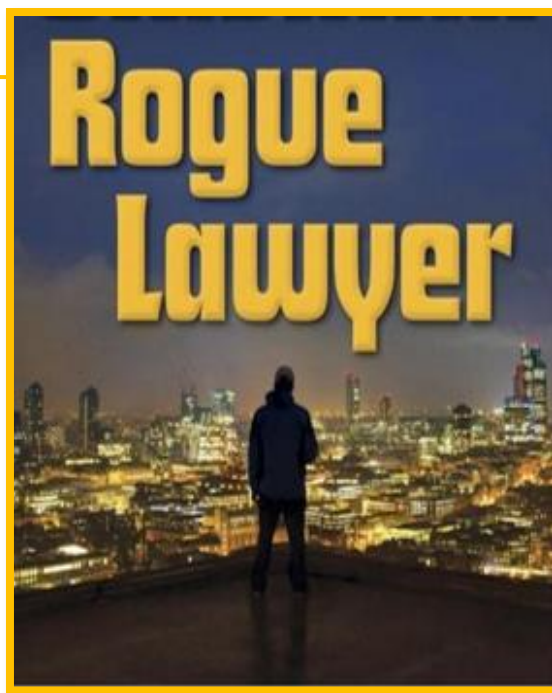
O autor responde facilmente à questão. O sistema jurídico norte-americano é uma fonte de inspiração riquíssima e infindável: a injustiça social, a pena de morte, as condenações indevidas, o racismo, o intrincado funcionamento do sistema de júri, os dramas nas salas de julgamento, o poder dos grandes escritórios de advogados e o confronto da força com a inteligência. Circunstâncias que levam Grisham a afirmar que, se conseguisse, adoraria escrever pelo menos três livros por ano, de modo a explorar todos estes temas, a alertar a população e a criticar o sistema.

A crítica constante e acutilante é, precisamente, uma das características da obra literária de Grisham; o autor não tem medo de “apontar o dedo” ao sistema de justiça norte-americano e à própria sociedade. Este traço da sua personalidade e forma de escrita encontra-se presente em muitas das suas personagens, um exemplo perfeito é Sebastian Rudd, em *Rogue Lawyer*.

O livro conta-nos a história de um advogado de defesa fora do comum, o seu escritório é itinerante, uma carrinha à prova de bala; o seu melhor amigo é o seu guarda-costas, porque o perigo é a sua profissão; e os seus clientes são aqueles que mais ninguém quer defender. O que o move não é um sentimento de pena ou, sequer, o pensamento politicamente correcto de que “todos têm direito à justiça”. Não, Rudd simplesmente adora um desafio que o coloque de um lado e o todo poderoso sistema judiciário do outro.

“I’m a lone gunman, a rogue who fights the system and hates injustice [...] My opponents are protected by badges, uniforms, and all the myriad trappings of government power. They are sworn and duty-bound to uphold the law, but since they cheat like hell it forces me to cheat even more.”

“We don’t believe in fair trials because we damned sure don’t have them. The presumption of innocence is now the presumption of guilt. The burden of proof is a travesty because the proof is often lies. Guilt beyond a reasonable doubt means if he probably did it.”



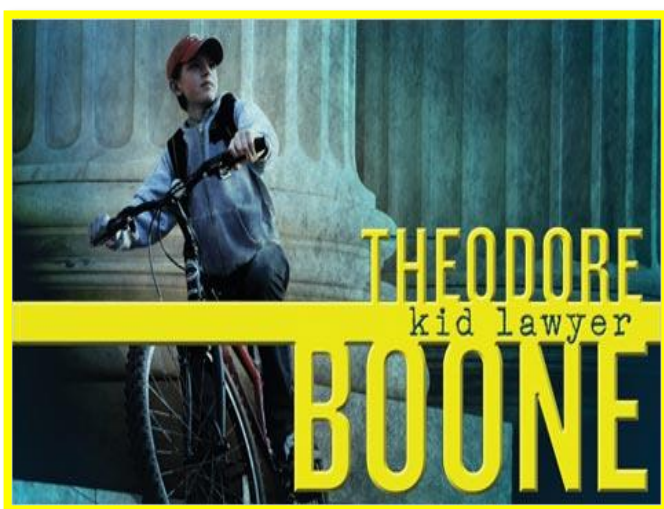
- Sebastian Rudd, em *Rogue Lawyer*

Rogue Lawyer, abordando questões como a corrupção nas forças policiais, o forte preconceito e a fraqueza da inércia dos juízes, leva-nos até ao julgamento de Gardy, injustamente acusado de matar duas crianças numa pequena cidade, e ao caso de Link, um *gangster* que tenta escapar à sentença de morte. E conta-nos a história de Arch, um *serial killer*, mas o único que poderá ajudar Rudd a desmantelar uma rede de tráfico humano. E conta-nos ainda o caso de Doug Renfro, de 70 anos, acusado de tentativa de homicídio de vários polícias, quando, na realidade, fora vítima de abuso de poder e de uma invasão domiciliária pelas forças da SWAT, que acabou com a morte da sua mulher.

Apesar de fictícias, estas histórias retratam problemas reais da justiça norte-americana, sendo, na minha opinião, precisamente aqui que reside a chave para o sucesso de Grisham, aquilo que prende os leitores aos seus livros (incluindo-me também eu na legião dos seus fãs) é a forma como constrói uma história, como junta o poder da ficção e do *suspense* com a força, diversidade e pujança da realidade que nos rodeia, numa perfeita simbiose entre a Arte e a Justiça.

Se por um lado, o seu sucesso está nos enredos que cria e nos problemas que aborda, por outro, um dos pontos mais fortemente criticados, é a construção de personagens, utilizando constantemente a fórmula ganhadora: um jovem e idealista advogado, que enfrenta um qualquer problema típico do disfuncional sistema legal.

Como fã é-me difícil julgar ou sentenciar este escritor de forma imparcial e, não obstante admitir que a crítica tem algum fundamento, prefiro, como advogada de defesa, argumentar em favor de Grisham. Neste género literário o perfil das personagens é de facto idêntico, para que nos possamos identificar, mas todas são idealistas, com uma forte perseverança e resiliência, com um espírito de luta assinalável. Ainda quem diz que Grisham não consegue inovar, certamente não conhece toda a sua obra literária, que se estende para além dos policiais e mesmo dentro deste género o autor tem tido uma capacidade de constante superação. Exemplo disso é a série que iniciou em 2010, *Theodore Boone*.



"I hope young readers learn something, a little bit about the law [...] In Theo I hope kids learn the importance of the presumption of innocence in a criminal case, because we all forgot about that in our society, 24h news and cable and everything else, there's such a rush to judgment"

- John Grisham

Numa tentativa de levar o género policial às gerações mais novas e incentivar a leitura, Grisham iniciou a série *Theodore Boone*, que hoje conta com 6 livros. Theo é um rapaz de apenas 13 anos que sonha vir a ser um grande advogado, passa muito tempo no tribunal e apesar de ser tão novo já tem um vasto conhecimento da lei, dando aconselhamento jurídico aos seus amigos. Constantemente apanhado em confusões (ou à procura delas), na sua primeira aventura Theo é arrastado para o meio de um julgamento de um homicídio, em que só ele sabe toda a verdade.

Em Portugal, o *thriller* jurídico não é um género muito desenvolvido, o que é uma pena, principalmente num momento em que nos defrontamos com uma nova realidade. Nunca antes o nosso sistema de Justiça foi tão mediatizado e exposto, nunca antes a opinião pública representou uma tão grande ameaça ou uma tão necessária capacidade de sindicância. Por isto, a Arte é chamada a intervir, é premente que alguém (precisam-se autores portugueses!) tenha a coragem de Grisham, que seja capaz de, através da literatura, criticar e retratar o nosso sistema e a própria sociedade portuguesa.



John Grisham já conquistou um lugar ao lado dos mestres do policial e do *thriller* jurídico, com o seu profundo conhecimento do sistema de justiça norte-americano, e ao enfrentar, sem hesitar, problemas técnicos, éticos, sociais, morais e legais, infelizmente ainda por muitos considerados tabus. Aconselho, realmente, a conhecer as suas obras, seja na literatura (para os mais pacientes ou puristas) ou então no cinema (para os mais cinéfilos ou preguiçosos); mas sou suspeita, afinal não passo de uma jovem idealista à procura de instrumentos e de coragem para, quando chegar a minha vez, conseguir enfrentar (e talvez mudar, espero que para muito melhor) a sociedade, o sistema e, claro, a nossa Justiça.

Carolina Inverno Branco